

A RESSURREIÇÃO DE CRISTO

Dr. R. A. Torrey

Edições Cristãs

© **Edições Cristãs – Editora Ltda.**

A RESSURREIÇÃO DE CRISTO

Dr. R. A. Torrey

1ª edição brasileira: julho de 2012

Capa: Daniel de Almeida Jané

ISBN: 978-85-7558-110-0

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da Editora.

EDIÇÕES CRISTÃS – EDITORA LTDA.

Caixa Postal 250

19900-970 – OURINHOS – SP – BRASIL

Endereço eletrônico: edicoescristas@uol.com.br

Site: edicoescristas.com.br

RESSUSCITOU JESUS REALMENTE?

A ressurreição de Jesus Cristo é, por muitos motivos, o fato mais importante da história. Se for possível provar-se que esse fato é uma verdade histórica, então o Cristianismo firmar-se-á numa base inexpugnável. Todas as verdades essenciais do Cristianismo estão ligadas à ressurreição. Se esta fica de pé, toda a doutrina essencial do Cristianismo fica igualmente de pé; porém, se ela cai, toda a doutrina do Cristianismo cai também.

Qualquer incrédulo inteligente concordará com este fato. Houve um cético que disse, há pouco, que não servia de nada perder tempo a discutir os outros milagres; a questão principal era esta: “Será verdade que Jesus Cristo ressuscitou realmente de entre os mortos?”

“Se ressuscitou, é bastante fácil crer nos outros milagres. Se não ressuscitou, não se pode acreditar nos outros milagres”. Parece-nos que este descrente apresentou o caso corretamente.

Há três argumentos distintos que provam a verdade das narrativas dos quatro Evangelhos referentes à ressurreição de Jesus Cristo.

A evidência exterior da autenticidade e veracidade dos Evangelhos

Este argumento é completamente satisfatório, mas não vamos considerá-lo por enquanto. É um argumento extenso e complicado e levaríamos muitos dias discutindo-o devidamente.

Os outros argumentos são tão completamente suficientes que podemos passar sem este, apesar do seu grande valor.

As evidências internas da veracidade dos Evangelhos

Este argumento é inteiramente conclusivo e apresentá-lo-emos em poucas palavras. Não vamos fazer quaisquer suposições. Não vamos supor que as afirmações dos quatro Evangelhos sejam verdadeiras. Não vamos dizer que os quatro Evangelhos foram escritos pelos homens por cujos nomes são conhecidos.

Não vamos mesmo sustentar que fossem escritos no século em que se afirma que Jesus viveu, morreu e ressuscitou, nem no século seguinte a esse, nem ainda no imediato.

Não vamos afirmar coisa alguma. Vamos começar por um fato que todos sabemos ser verdadeiro, isto é, que existem hoje os quatro Evangelhos, tenham sido escritos por quem for.

Vamos apresentar os quatro Evangelhos ao lado uns dos outros para ver se neles podemos descobrir sinais de verdade ou de ficção.

A primeira coisa que notamos ao compararmos estes Evangelhos é que eles contêm quatro narrativas separadas e independentes. Isto vê-se claramente nas aparentes discordâncias das quatro narrativas.

Estas aparentes discordâncias são muitas e notáveis. Teria sido impossível que quatro narrativas fossem feitas de combinação umas com as outras e se achassem nelas tantas e tão notáveis diferenças.

Existe uma harmonia entre estas quatro narrativas, mas essa harmonia não se nota imediatamente, e só aparece depois de um estudo demorado.

É exatamente a harmonia que deveria existir entre narrativas escritas por pessoas diferentes que considerassem os fatos recordados sob o seu próprio ponto de vista, e que não existiriam em quatro narrativas feitas de combinação.

Em quatro narrativas feitas de combinação qualquer harmonia que houvesse entre elas haveria de aparecer imediatamente, e qualquer discordância só se notaria depois de um estudo minucioso e cuidadoso, mas, neste caso, acontece exatamente o contrário: a harmonia só aparece depois do estudo minucioso e cuidadoso, e é a aparente discordância que existe à superfície.

Verdadeiras ou falsas, estas narrativas são separadas e independentes umas das outras. Todas elas formam um conjunto e acontece, às vezes, que uma terceira narrativa vem destruir as aparentes discordâncias de duas delas.

É claro que estas narrativas têm de ser o registro de fatos que tiveram lugar, ou, do contrário, são ficção. Se são ficção, devem ter sido inventadas de uma das seguintes maneiras: ou independentes umas das outras, ou de combinação umas com as outras.

Porém, não podem ter sido inventadas independentemente; as concordâncias são demasiadas para admitir tal hipótese. Nem podem ter sido inventadas de combinação; como já dissemos, as aparentes discordâncias são demasiadamente frequentes e notáveis. Não tendo sido inventadas, nem independentemente nem de combinação, é claríssimo que não foram inventadas.

São uma descrição verdadeira de fatos, tais quais eles tiveram lugar.

Uma coisa que também se deve notar é que estas narrativas trazem claros indícios de terem procedido de testemunhas oculares. A narrativa feita por uma testemunha ocular distingue-se imediatamente da que é

feita por qualquer pessoa que apenas conta o que os outros lhe disseram. Quem esteja habituado a examinar as evidências em tribunais, ou em estudos históricos, logo aprende a distinguir uma da outra.

Quem estudar cuidadosamente o Evangelho, no que diz respeito à ressurreição, há de, forçosamente, descobrir nele muitos indícios de testemunhas oculares.

Há anos, quando discursava numa Universidade Americana, foi-me apresentado um cavalheiro como sendo um descrente. Perguntei-lhe que espécie de estudos estava realizando. Respondeu-me que estava fazendo um curso de história, tendo em vista lecionar essa matéria.

“Então o senhor sabe”, disse-lhe eu, “que a narrativa de uma testemunha ocular difere notavelmente da narrativa de uma pessoa que apenas conta o que ouviu dos outros?”

“Sim”, respondeu-me ele. Depois perguntei-lhe: “Já leu, cuidadosamente, no Evangelho, as quatro narrativas sobre a ressurreição de Cristo?” “Sim, já li”, afirmou ele. “E, diga-me, não notou ali indícios claros de que essas narrativas provêm de testemunhas oculares?” “Sim”, replicou ele, “foi isso que muito me impressionou quando li tais narrativas”.

Qualquer outra pessoa que as leia com atenção e inteligência há de ficar igualmente impressionada pelo mesmo fato.

Outra coisa que se nota nestas narrativas do Evangelho é a sua naturalidade, singeleza e simplicidade. Na verdade, as narrativas falam de acontecimentos sobrenaturais, mas o seu estilo é o mais natural possível.

Há nelas uma completa ausência de qualquer tentativa de colorido ou exagero; têm um modo simples e positivo de contar os fatos como eles se deram.

Acontece, às vezes, que, quando uma testemunha fala, a história que conta é tão simples e tão natural, sem a mínima tentativa de tramar. Ao conhecer a personalidade dessa testemunha, à medida que vamos ouvindo a sua narrativa, dizemos conosco: “Este homem está dizendo a verdade”.

O valor desta espécie de testemunho aumenta muito, chegando a dar-nos uma certeza absoluta, quando várias testemunhas do mesmo caráter narram, independentemente umas das outras, os mesmos fatos essenciais, mas com variedade de pormenores, omitindo uma o que outra disse e desfazendo, uma terceira, certas discordâncias aparentes que parecia haver entre as outras duas.

É este, precisamente, o caso nas quatro narrativas do Evangelho sobre a ressurreição de Cristo. Os seus escritores parece que não refletiram na significação de muitos dos fatos narrados por eles. Apenas

dizem o que viram, com toda a simplicidade e singeleza, deixando a filosofia para os outros.

O Dr. Guilherme Furness, o grande sábio e crítico unitário, que, decerto, não estava muito disposto a admitir o sobrenatural, disse: “Nada pode exceder em simplicidade as quatro narrativas da primeira aparição de Jesus, depois da Sua crucificação. Se estas qualidades se não distinguem aqui, podemos perder a esperança de jamais as podermos discernir em qualquer outro escrito”.

Suponhamos que encontrássemos quatro descrições de uma batalha notável. Nada se sabe de definitivo das qualidades dos escritores que as escreveram, mas, pondo-as ao lado umas das outras, veremos que são narrativas claramente independentes.

Vemos, além disso, notáveis indícios de que elas provêm de testemunhas oculares.

Vemo-las, todas elas, com o cunho da simplicidade e singeleza que leva à convicção; vemos que, embora discordem, aparentemente, nos pormenores de menor importância, concordam em tudo no que se refere à batalha.

Mesmo que não tivéssemos conhecimento do nome dos escritores, ou das datas destas narrativas, não diríamos nós, na falta de qualquer outra narrativa: “Eis aqui uma descrição verdadeira da batalha”?

Ora, é isto mesmo que acontece com as quatro narrativas do Evangelho: manifestamente separadas e independentes umas das outras, tendo todas os indícios de virem de testemunhas oculares, caracterizadas por uma simplicidade e singeleza inigualáveis, apresentando aparentes discordâncias nos pormenores de menor importância, mas em perfeita harmonia nos grandes fatos essenciais.

Se quisermos falar conscientemente, não seremos, porventura, levados a dizer: “Eis aqui uma verdadeira descrição da ressurreição de Jesus”?

A evidência casual das palavras, frases e pormenores acidentais

Acontece muitas vezes que, quando uma testemunha depõe, a evidência que patenteia, singelamente, por meio das palavras e frases que emprega e pelos pormenores acidentais que dá, é mais convincente do que as suas afirmações diretas, porque não é o testemunho de quem fala, mas sim o da própria verdade.

As narrativas do Evangelho abundam em evidências deste gênero.

Como primeiro exemplo deste fato, em todos os pontos do Evangelho que tratam da ressurreição, nos é dado a compreender que Jesus não foi, a princípio, reconhecido pelos Seus discípulos, quando lhes apareceu depois da Sua ressurreição (Lucas 21.16; João 21.4).

Não nos é dita a razão disto, mas, se pensarmos um pouco, depressa descobriremos qual ela foi. Mas o Evangelho apenas registra o fato, sem tentar explicá-lo. Se a história fosse fictícia, nunca os seus escritores a contariam deste modo, porque logo haviam de ver a objeção que se levantaria no espírito daqueles que não quisessem acreditar na ressurreição; isto é, que não fora realmente Jesus Quem os discípulos viram.

Por que é, então, a história contada desta maneira?

Pela razão muito clara de que os evangelistas não estavam contando uma história para fantasiar um caso, mas, sim, registrando os acontecimentos tais quais tiveram lugar. Foi assim que tudo se passou e foi, pois, assim, que eles o contaram. Não nasceu de coisas imaginárias, mas é, sim, um fato verdadeiro, observado e contado com toda a exatidão.

Outro exemplo. Em todas as passagens do Evangelho que falam do aparecimento de Jesus depois da Sua ressurreição, não há uma única que diga que Ele apareceu àqueles que ainda não eram crentes.

Pensando um pouco, podemos facilmente descobrir a razão. Se as histórias fossem inventadas, nunca teriam sido contadas deste modo. Se os Evangelhos fossem, como alguns nos querem fazer acreditar, invenções, compostas 100, 200 ou 300 anos depois dos acontecimentos ali relatados, depois de terem já morrido todos os que neles figuram, Jesus seria apresentado como tendo aparecido a Caifás e Anás, e a Pilatos e Herodes, confundindo-os pela Sua reaparição de entre os mortos; mas não se lê uma única indicação disto nas histórias do Evangelho.

Fala-se só do aparecimento de Jesus aos que já eram crentes. Por quê? Porque foi assim, evidentemente, que as coisas se passaram, e as narrativas do Evangelho não são histórias para produzir um efeito, mas simplesmente são o relato de fatos, exatamente como eles aconteceram e como foram observados.

Ainda temos outra afirmação da verdade, de caráter casual, no fato das aparições de Jesus, depois da Sua ressurreição, terem sido só ocasionais.

Aparecia e desaparecia do meio dos Seus discípulos para não voltar a ser visto, senão depois de alguns dias. Também podemos facilmente descobrir a razão disto.

Jesus estava procurando desacostumar os Seus discípulos da sua antiga comunhão com Ele, fisicamente, e prepará-los para a comunhão

em espírito, nos dias vindouros. Contudo, na narrativa do Evangelho, não se nos diz isso; temos de o descobrir por nós mesmos.

Nem se sabe se os próprios discípulos compreendiam o significado destes fatos. Se tivesse havido a intenção de contar uma história para produzir efeito, ter-se-ia apresentado Jesus com eles, comendo e bebendo no seu meio, dia após dia.

Por que é, então, que a história é assim contada, nos quatro Evangelhos? Porque foi assim que tudo se deu e os escritores do Evangelho limitam-se, apenas, a apresentar os fatos, com toda a exatidão, como foram observados por eles próprios e por outros.

Há ainda outro exemplo notável de testemunho casual, nas palavras de Jesus a Maria, no primeiro encontro que tiveram, depois da ressurreição.

Disse-lhe Ele: *“Não Me toques porque ainda não subi para Meu Pai”* (João 20:17). Não nos é dito porque foi que Jesus disse isto a Maria. Temos que o descobrir por nós próprios, se pudermos.

Os sábios têm-se esforçado para o descobrir. Variam muito as explicações que se dão sobre estas palavras de Jesus. Se lermos os seus escritos, vemos que um apresenta uma razão, outro apresenta outra, e assim sucessivamente.

Eu tenho uma explicação minha, que nunca encontrei em nenhum livro, mas que estou persuadido ser a verdadeira, ainda que não seja capaz de convencer os outros acerca da sua possível veracidade.

Por que é, então, que estas poucas palavras de Jesus foram postas no Evangelho, sem a mínima explicação, palavras que têm levado dezenove séculos a serem entendidas, e que ainda não estão satisfatoriamente explicadas?

Certamente que um escritor que inventasse uma história não havia de pôr nela um pormenor desta natureza, sem procurar apresentar a sua explicação. As histórias que se inventam, inventam-se com um propósito; os pormenores que elas encerram estão ali com um determinado alvo, mais ou menos evidente; mas, em dezenove séculos de estudo, ainda não foi possível descobrir qual o propósito porque aquelas palavras ali foram postas.

Qual é, pois, a razão por que estão lá? Porque foi isso, exatamente, o que aconteceu. Foi o que Jesus disse; foi o que João relata. Não temos aqui uma ficção, mas, sim, uma descrição exata das palavras que Jesus pronunciou, depois da Sua ressurreição.

Encontra-se, ainda, na narrativa do Evangelho, em João 19:34, outro pormenor que é a prova decisiva da sua exatidão histórica.

Vemos ali que, quando um dos soldados furou o lado do Senhor crucificado, logo saiu sangue e água, mas não nos é dita a razão disto. Na verdade, o escritor não podia ter sabido a razão. Não havia nessa

época homem algum com bastantes conhecimentos fisiológicos para poder explicar o caso. Só passados séculos foi descoberta a razão fisiológica.

O Dr. Simpson, da Universidade de Edimburgo, distinta autoridade médica, descobridor do clorofórmio, escreveu um livro instrutivo no qual mostrou, de modo científico, que Jesus Cristo morreu do que se chama, em linguagem científica, “extravasão de sangue”.

Quando alguém morre deste mal, estende os braços (já se vê, os braços de Jesus já estavam estendidos na cruz), dá um grande grito (como também Jesus deu) e a divisão que separa o soro do sangue rompe-se, e o soro e o sangue correm juntos.

Quando a lança romana penetrou no coração de Jesus, o soro (isto é, a água) e o sangue logo saíram.

Esta é a explicação científica do fato, mas João a ignorava. Ninguém daquele tempo conhecia isto, e só foi conhecida séculos depois.

Pode-se, pois, porventura, imaginar que um escritor que inventasse uma narrativa de acontecimentos que nunca tivessem tido lugar, inserisse nela um fato que tem uma explicação estritamente científica, que é, precisamente, adequada aos vários fatos relatados, mas que nem ele, nem ninguém daquele tempo podia conhecer?

Como é então que este fato é assim narrado? Porque foi isto precisamente o que aconteceu e embora João não soubesse a explicação, observou o fato e contou-o tal como o tinha observado, e deixou ao tempo e às descobertas científicas o cuidado de demonstrarem, conclusivamente, a exatidão histórica do que ele dissera.

Com toda a certeza, aqui não há ficção, mas uma narrativa exata daquilo que teve lugar, e que foi contado exatamente como foi observado.

.oOo.

2

A EVIDENTE VERACIDADE DAS HISTÓRIAS DO EVANGELHO

No capítulo anterior, começamos as nossas considerações sobre este tema: “Ressuscitou Jesus realmente de entre os mortos?” Começamo-las sem afirmar coisa alguma; não afirmamos que os quatro Evangelhos eram verdadeiros; não afirmamos que foram escritos pelos homens por cujos nomes são conhecidos; nem mesmo afirmamos que foram escritos no tempo em que os fatos ali narrados tiveram lugar, ou no século seguinte ou ainda num outro.

Começamos pelo fato bem conhecido de que os quatro Evangelhos, quer sejam verdadeiros ou falsos, ou fosse quem fosse que os escreveu, sem dúvida alguma existem. Pusemos estes quatro Evangelhos ao lado uns dos outros, e procuramos descobrir, pelo estudo que deles fizemos, se eram a exposição de acontecimentos que tivessem ocorrido, ou meras ficções.

A primeira coisa que descobrimos foi serem narrativas separadas e independentes. Vimos que deviam ser, ou uma exposição verdadeira de fatos, ou uma ficção; que, se eram uma ficção, deviam ter sido inventadas, ou independentemente uma das outras ou de combinação.

Vimos também que não podiam ter sido inventadas de combinação, pois as discordâncias aparentes eram muitas e muito notáveis; vimos que não podiam também ter sido inventadas independentemente, visto que concordavam em muitos pontos.

Não foram inventadas de combinação, não foram inventadas independentemente, logo não eram uma invenção, mas a simples descrição de fatos como realmente aconteceram.

Vimos, em segundo lugar, que cada uma das narrativas do Evangelho apresenta notáveis indícios de ter sido proveniente de uma testemunha ocular.

Notamos, em terceiro lugar, a sua singeleza e naturalidade. Vimos que acontece muitas vezes que, quando uma testemunha depõe, o seu depoimento é tão simples e natural que leva à convicção a quem a ouve, embora nada saiba do seu caráter.

Vimos que cada uma das narrativas do Evangelho tem estes característicos, que são uma prova evidente da veracidade das histórias ali contadas.

Notamos, igualmente, a evidência casual de palavras, frases e pormenores acidentais, e vimos que muitas vezes acontece que, quando uma testemunha ocular fala, a maneira natural como o faz produz mais efeito do que o próprio testemunho direto, porque não é o testemunho de quem fala, mas, sim, o testemunho que a verdade dá de si mesma.

Já apresentamos uma porção de exemplos disto: vamos ver mais alguns.

Vejamos o que se lê em João 20:24, 25: *“Ora Tomé, um dos doze, chamado Didimo, não estava com eles quando Jesus chegou. Disseram-lhe, pois, os outros discípulos: Vimos o Senhor. Porém ele disse-lhes: Se eu não vir o sinal dos cravos nas Suas mãos, e se não meter o dedo no lugar dos cravos, e não meter a minha mão no Seu lado, de maneira nenhuma o creerei”*.

Como tudo isto é verídico! Está em perfeita harmonia com o que o Evangelho nos diz de Tomé em outra parte.

Tomé era o incrédulo crônico na companhia apostólica, o homem que sempre via tudo pelo lado negro, o homem, enfim, que era governado pelo testemunho dos seus sentidos. Foi ele que, quando Jesus afirmou que ia outra vez para a Judeia, disse, desanimado: *“Vamos nós também, para morrermos com Ele”* (João 11:16).

Foi ele ainda que, em João 14:4, 5, quando Jesus disse: *“Sabeis para onde Eu vou, e sabeis o caminho”*, respondeu: *“Senhor, nós não sabemos para onde vais; e como podemos saber o caminho?”*

É tudo isto invenção ou realidade? Para ser invenção seria preciso uma arte literária que ultrapassasse muito a capacidade do escritor.

Voltemos, ainda, a João 20:4-6: *“Estes dois corriam juntos, porém o outro discípulo correu mais apressadamente do que Pedro, e chegou primeiro ao sepulcro. E, abaixando-se, viu no chão os lençóis; todavia não entrou. Chegou, pois, Simão Pedro, que o seguia, e entrou no sepulcro”*. Isto condiz, igualmente, de uma maneira notável, com o conhecimento que temos dos dois homens.

Maria, voltando a correr precipitadamente do sepulcro, chega-se aos discípulos e exclama: *“Levaram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde O puseram.”* João e Pedro põem-se de pé, de um salto, e correm o mais que podem para o sepulcro. João era o mais novo dos dois.

A narrativa não nos diz isto, mas sabemos-lo doutra origem. Sendo mais novo, era mais ligeiro e passou adiante de Pedro, chegando primeiro ao túmulo; mas, homem de uma natureza tímida e reverente, não entrou, e apenas se abaixou e olhou para dentro. Mas o impetuoso Pedro, sendo mais velho, vem atrás com passo pesado, o mais depressa que pôde, e, uma vez chegado ao sepulcro, não para um momento fora, mas precipita-se logo para dentro.

É isto invenção ou realidade? Era preciso ser um literato consumado para o inventar, se não tivesse acontecido assim exatamente.

Há também na narrativa um sinal de ter sido escrito por pessoa que conhecia bem o lugar. Quando alguém visita hoje o sepulcro que a tradição agora diz ser o verdadeiro túmulo de Cristo, há de, devido à configuração do lugar, sentir-se inconscientemente obrigado a abaixar-se para olhar para dentro.

Vejamos ainda o que se lê em João 21: *“Então aquele discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: É o Senhor. E quando Simão Pedro ouviu que era o Senhor, cingiu-se com a túnica (porque estava nu), e lançou-se ao mar.”*

Aqui também se encontram incontestáveis sinais de verdade e de realidade. Recordemos as circunstâncias. Os apóstolos tinham ido, por ordem de Jesus, para a Galileia, para se encontrarem ali com Ele. Jesus não apareceu logo. Simão Pedro, com a sua paixão de pescador ainda no coração, diz: *“Vou pescar!”* ao que os outros respondem: *“Também nós vamos contigo”*.

Pescaram toda a noite sem apanhar nada. De madrugada, Jesus estava na praia, mas os discípulos não O reconheceram, talvez por ser ainda escuro. Jesus perguntou-lhes: *“Filhos, tendes alguma coisa de comer?”* e eles responderam: *“Não”*.

Ele ordenou-lhes que lançassem a rede para o lado direito do barco, e então achariam. Depois de a terem lançado, não a puderam tirar, devido à grande quantidade de peixes. E, imediatamente, João, o homem de pronta percepção espiritual, exclamou: *“É o Senhor!”*

Logo que Pedro, o homem de ação impulsiva, ouviu isto, agarrou na túnica e deitou-a à roda do seu corpo nu, lançou-se ao mar e esforçou-se por alcançar a praia e chegar perto do seu Senhor.

É isto invenção ou realidade? Aqui não há invenção. Se o escritor anônimo inventasse isto, seria o maior artista literário de todos os tempos, e devia-se colocar o seu nome acima do nome de todos os outros escritores.

Temos outro exemplo em João 20:15: *“Disse-lhe Jesus: Mulher, por que choras? A quem buscas? Ela, julgando que era o hortelão, disse-lhe: Senhor, se tu O tiraste, dize-me onde O puseste, e eu O levarei.”*

Há aqui certamente um toque que ultrapassa a arte de qualquer homem daquele ou de qualquer outro tempo. Maria tinha ido à cidade e tinha dito a Pedro e a João que encontrara o sepulcro vazio. Eles correram para lá. Como Maria já tinha andado o caminho duas vezes, eles facilmente lhe passaram adiante, pois ela, cansada, voltou para o sepulcro com passo vagaroso.

Pedro e João há muito que se tinham retirado quando ela lá chegou. De coração quebrantado, imaginando que o túmulo do seu amado Senhor tinha sido profanado, ficou fora, chorando.

Estavam dois anjos sentados no sepulcro, onde jazera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés, mas a atribulada mulher não tem olhos para anjos. Eles perguntaram-lhe: *“Mulher, por que choras? E ela lhes disse: Porque levaram o meu Senhor e não sei onde O puseram.”*

Ouviu-se ao mesmo tempo o som de passos sobre as folhas secas por detrás dela, e ela voltou-se para ver quem é que vinha. Vê Jesus ali

de pé, mas, cega pelas lágrimas e pelo desespero, não reconhece o seu Senhor. Jesus então pergunta-lhe: *“Por que choras? A quem buscas?”* Ela supõe que é o hortelão que lhe está falando e responde: *“Senhor, se tu O levaste, dize-me onde O puseste e eu O levarei.”*

Agora, lembremo-nos de quem é que lhe faz esta proposta e o que ela propõe fazer; uma mulher fraca oferece-se para levar o corpo de um homem. Já se vê que ela não o podia fazer; porém, como isto combina com o amor de mulher, que se esquece sempre da sua fraqueza e que muitas vezes não para diante das impossibilidades!

Havia alguma coisa para fazer, e ela disse: *“Hei de fazê-lo.”* *“Dize-me onde O puseste e eu O levarei.”* É isto invenção? Não! Isto é vida! Isto é realidade! Isto é verdade!

Ainda vemos outro exemplo em Marcos 16:7: *“Mas ide, dizei a Seus discípulos, e a Pedro, que Ele vai adiante de vós para a Galileia; ali O vereis, como Ele vos disse.”* O que os nossos leitores devem aqui notar são estas palavras: *“e a Pedro”*. Por que *“e a Pedro”*? Não era Pedro um dos discípulos? Certamente que sim; era, por assim dizer, o chefe da companhia apostólica. Por que, então, *“e a Pedro”*? Não há explicação disto no texto, mas a reflexão mostra que aquela era a linguagem do amor para com o desanimado e desesperado discípulo, que três vezes tinha negado o seu Senhor.

Se a mensagem tivesse simplesmente sido para os discípulos, Pedro teria dito: *“Sim, eu dantes era discípulo, porém agora já não posso ser tido como tal; neguei três vezes o meu Senhor naquela negra noite, com juras e maldições; portanto esta mensagem não pode dizer respeito a mim”*, mas o nosso terno e compassivo Senhor, ao enviar, por meio dos Seus angélicos mensageiros, esta mensagem aos Seus discípulos, convidando-os a encontrarem-se com Ele na Galileia, nomeia muito especialmente o pobre Pedro, triste e atribulado como se achava.

É isto uma invenção ou uma verdadeira manifestação da misericórdia do Senhor? Faz dó ver um homem tão pouco inteligente que possa imaginar ser isto uma ficção. Notemos, porém, que este fato só se lê no Evangelho de Marcos, que, como bem se sabe, é o Evangelho de Pedro. Como Pedro ditava a Marcos o que ele havia de escrever, havia talvez de voltar para ele, e com as lágrimas nos olhos e a gratidão no coração dizer-lhe: Marcos, não deixes de escrever aí: *“Dizei a Seus discípulos e a Pedro.”*

Agora, vejamos João 20:27-29: *“Disse [Jesus] a Tomé: Chega aqui o teu dedo, e vê as Minhas mãos; e chega a tua mão e mete-a no Meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente. Tomé respondeu-Lhe e disse-Lhe: Senhor meu, e Deus meu! Disse-lhe Jesus: Porque Me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram.”*

É preciso notar aqui a ação de Tomé e a censura de Jesus. Ambas são demasiadamente características para serem atribuídas à arte de qualquer grande romancista.

Tomé tinha estado com os discípulos quando da primeira aparição do Senhor. Passou-se uma semana e chegou outro domingo. Desta vez Tomé não quer deixar de estar presente; se o Senhor aparecer, ele quer estar ali.

Se ele tivesse sido como alguns incrédulos dos tempos modernos, teria tido o cuidado de estar ausente, mas, apesar de incrédulo, era leal, e queria saber.

De repente, Jesus aparece no meio deles. Ele diz a Tomé: *“Chega aqui o teu dedo, e vê as Minhas mãos, chega a tua mão e mete-a no Meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente.”*

Por fim, abrem-se os olhos de Tomé. A sua fê, há muito reprimida, salta por cima de todas as barreiras, e leva-o a uma altura muito superior à que qualquer dos outros ainda tivesse chegado, e, exultando em adoração, exclama, ao mesmo tempo que fita os olhos no rosto de Jesus: *“Senhor meu, e Deus meu!”*

Jesus, então, com ternura, mas, oh! com que penetração, repreende-o e diz-lhe: *“Porque Me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram.”*

É isto invenção ou realidade? Uma narrativa de fatos, como eles aconteceram, ou uma produção inventada por um grande artista?

Vejamos, agora, João 21:21, 22: *“Vendo Pedro a este, disse a Jesus: Senhor, e deste que será? Disse-lhe Jesus: Se Eu quero que ele fique até que Eu venha, que te importa a ti? Segue-Me tu.”*

Vamos agora imaginar a cena onde isto se passou. Os discípulos estavam na praia da Galileia, tinham acabado de almoçar, Jesus tinha dito a Pedro como este havia de glorificá-lo com uma morte de mártir.

Jesus então caminha para diante e diz a Pedro: *“Segue-Me”*.

Pedro decide segui-lo, mas, voltando-se para ver o que os outros estavam fazendo, vê que João também segue a Jesus. Com uma curiosidade característica, ele diz: *“Senhor, e deste que será?”*

Jesus nunca respondia a perguntas de mera curiosidade especulativa e que diziam respeito a outros, mas indicava ao curioso os seus próprios deveres.

Em outra ocasião (Lucas 13:23, 24), quando lhe perguntaram: *“Senhor, são poucos os que se salvam?”*, Ele respondeu a esta pergunta, dizendo-lhes que vissem se eles próprios estavam salvos.

Assim, pois, Ele, sem responder às perguntas de Pedro, que não diziam respeito a ele, mas sim a outros, indica-lhe o seu atual dever, dizendo-lhe: *“Se Eu quero que ele fique até que Eu venha, que te importa a ti? Segue-Me tu”*.

É isto uma ficção ou é realidade?

Voltando a outros versículos do mesmo capítulo, João 21:15, 17, lemos: *“Depois de terem jantado, disse Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de Jonas, amas-Me mais do que estes? Ele respondeu: Sim, Senhor, Tu sabes que eu Te amo. Disse-lhe Jesus: Apascenta os Meus cordeiros. Tornou a dizer-lhe segunda vez: Simão, filho de Jonas, amas-Me? Disse-lhe: Sim, Senhor, Tu sabes que eu Te amo. Disse-lhe Jesus: Apascenta as Minhas ovelhas. Disse-lhe terceira vez: Simão, filho de Jonas, amas-Me? Simão entristeceu-se por lhe ter dito terceira vez: Amas-Me? e disse-lhe: Senhor, Tu sabes todas as coisas; Tu sabes que eu Te amo. Jesus disse-lhe: Apascenta as Minhas ovelhas”*.

O que eu desejo que o leitor note especialmente são estas palavras: *“Simão entristeceu-se por lhe ter dito terceira vez: Amas-Me?”* Por que foi que Jesus perguntou três vezes a Pedro: *“Amas-Me?”* E por que se entristeceu Pedro por Jesus lhe perguntar três vezes?

O texto não o diz, mas, se o lermos à luz do fato de ter Pedro negado três vezes ao Senhor, havemos de o compreender.

Assim como Pedro negou a Jesus três vezes, assim Jesus deu a Pedro a oportunidade de três vezes afirmar o seu amor, mas tudo isto feito com tanta ternura, que certamente fez lembrar a Pedro aquela terrível noite em que, no pátio de Anás e Caifás, negara o seu Senhor. Sim, Pedro entristeceu-se porque Ele lhe disse pela terceira vez: *“Amas-Me?”*

É isto uma invenção? Porventura o escritor inventou-o para estabelecer um paralelo com a tríplice negação anterior? Se assim fosse, havia de o dizer, decerto. Não, isto não é uma invenção; isto é, simplesmente, contar o que realmente aconteceu.

É preciso notar ainda o modo apropriado como Jesus Se revelou a diversas pessoas depois da Sua ressurreição. A Maria revelou-se chamando-a simplesmente pelo seu nome. Vejamos João 20:16: *“Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, disse-lhe: Raboni (que quer dizer, Mestre)”*.

Que naturalidade vemos aqui! Maria, como vimos há poucos momentos, estava do lado de fora do sepulcro, vencida pela dor. Não reconheceu o seu Senhor, apesar de Ele lhe ter falado; confundiu-O com o hortelão, e disse-lhe: *“Senhor, se tu O levaste, dize-me onde O puseste, e eu O levarei”*.

Então Jesus pronuncia uma única palavra e diz: *“Maria”*. Como ouviu aquele nome, naquela hora matinal, pronunciado no tom familiar de outrora, dito como ninguém mais o tinha dito senão Ele, os seus olhos abrem-se imediatamente, ela cai aos Seus pés, procura abraçar-se a eles e, fixando os olhos em Jesus, exclama: *“Raboni, meu Mestre!”*

É isto uma invenção? Não; isto é vida; este é Jesus, e esta é a mulher que O amava. Isto não é nenhum romance produzido por qualquer autor anônimo do século segundo, terceiro ou quarto. Estamos aqui, indubitavelmente, em face da realidade, da vida, de Jesus e de Maria, como eram nesse tempo.

Aos dois discípulos na aldeia de Emaús, deu-Se a conhecer no partir do pão. Veja-se Lucas 24:30, 31: *“E aconteceu que, estando com eles à mesa, tomando o pão, o abençoou, e partiu-o e lho deu. Abriram-se-lhes então os olhos, e O conheceram, e Ele desapareceu-lhes”*.

Por quê? O evangelista não dá explicação alguma, mas não é difícil ler nas entrelinhas e achá-la. Em cada um dos Evangelhos se faz menção enfática de Jesus dar graças às horas das refeições. Havia alguma coisa tão característica no modo em que Ele dava graças em tais ocasiões, tão real, tão diferente do modo porque eles tinham visto qualquer outra pessoa fazê-lo, havia uma apreciação tão evidente da presença de Deus, tão inteiramente diversa da formalidade de outros em tais ocasiões, que bastou Jesus levantar os olhos e dar graças, para que imediatamente se abrissem os olhos deles e O reconhecessem. Isto, também, é realidade e vida, não é ficção.

A Tomé, o homem governado pelos sentidos, deu-se Ele a conhecer, mostrando-lhe os próprios sinais dos pregos nas Suas mãos e o buraco feito no Seu lado. A João e a Pedro deu-se a conhecer, como no principio, pela pesca milagrosa. Em todos os mínimos pormenores a narrativa apresenta um tal cunho de verdade que torna impossível toda e qualquer ideia de ficção.

Vejamos ainda outro exemplo, e leiamos com cuidado João 20:7: *“O lenço, que tinha sido posto sobre a Sua cabeça, não estava com os lençóis, mas enrolado num lugar à parte”*.

É extraordinário que um pormenor tão insignificante fosse aqui introduzido, mas quão profunda é a significação deste pequeno pormenor que, contudo, não é aqui explicado!

Quando eu estudava no Seminário Teológico, chegou a sua casa, num domingo à tarde, um professor superior, que vinha muito desgostoso da aula bíblica.

Ele tinha uma classe de moças operárias de vinte anos de idade, pouco mais ou menos. Disse ele: “Uma das minhas discípulas fez-me hoje uma pergunta muito tola; perguntou-me se tinha alguma significação o lenço estar enrolado num lugar à parte. Que estupidez, como se isto tivesse alguma significação!”

Mas, afinal, não era a moça que era tola, mas sim o teólogo. O fato tem uma significação muito profunda. Jesus Cristo está morto. Durante três dias e três noites, desde o dia da Sua morte o Seu corpo tem jazido

frio e inerte no sepulcro, tão verdadeiramente morto como qualquer outro cadáver.

Mas, por fim, chega a hora marcada, o sopro de Deus anima o barro inerte e frio, e naquele momento supremo da Sua existência terrestre, naquele momento supremo da história humana, quando Jesus se ergue triunfante da morte e de Satanás, não há perturbação alguma da Sua parte.

Ele agiu, com aquela mesma majestosa compostura e serenidade que caracterizaram toda a Sua carreira, aquela mesma divina tranquilidade que mostrou na tempestade na Galileia, quando os Seus discípulos, aterrorizados, O despertaram do Seu sono.

Eles gritaram: *“Mestre, não se Te dá que pereçamos?”* e Ele, dirigindo-se serenamente à tempestade, disse: *“Aquieta-te!”* seguindo-se a isto uma grande bonança. Assim também agora, neste momento sublime, Ele não tira arrebatadamente o lenço do Seu rosto, lançando-o fora, mas, com toda a calma, tira-o de roda da Sua cabeça, sem pressa e sem a desordem que caracterizam os homens, enrola-o e coloca-o à parte com todo o cuidado.

É isto invenção? Nunca! Nunca! Nós não vemos aqui a delicada obra prima de um romancista hábil. Lemos a simples narrativa de um pormenor, sem igual, a respeito de uma Pessoa incomparável, que viveu aqui no mundo uma vida tão linda que ninguém a pode ler, com um espírito leal, sem sentir que lhe cheguem as lágrimas aos olhos.

Mas alguém dirá: “Estas são coisas insignificantes”. É verdade, mas é por isso mesmo que elas têm tanto valor. Seria justamente em coisas tão pequenas que a ficção se havia de trair.

A ficção diferencia-se da realidade nas coisas pequenas. Nos rasgos principais da narrativa pode-se fazer com que a ficção pareça verdade, mas, quando se chega a examinar qualquer ponto minuciosamente, logo se percebe que não é realidade, mas invenção; e quanto mais minuciosamente examinarmos as narrativas do Evangelho, mais nos convenceremos da sua veracidade.

A naturalidade, a singeleza e a evidente veracidade das narrativas, até nos seus mínimos pormenores, ultrapassam todas as possibilidades de arte.

.oOo.

“Existiu, por este tempo, Jesus, homem sábio, se é lícito chamá-lo homem, porque Ele fazia obras maravilhosas e foi Mestre de homens tais que receberam com prazer a Verdade.

“Atraiu a Si não só muitos judeus como também inúmeros gentios. Ele era [o] Cristo. E quando Pilatos por sugestão dos principais homens dentre nós O condenou à Cruz, aqueles que primeiro O haviam amado não O abandonaram porque voltou a aparecer-lhes vivo ao terceiro dia, como os profetas divinos haviam predito. E a tribo dos cristãos, assim chamados por Ele, não está extinta até ao dia de hoje”.

.oOo.

3

A EVIDÊNCIA CIRCUNSTANCIAL DA RESSURREIÇÃO DE CRISTO

Vamos agora tratar da evidência circunstancial da ressurreição de Cristo. Julgo que todos os leitores sabem o que quer dizer evidência circunstancial; esta entende-se por certas circunstâncias ou fatos, provados ou conhecidos, cuja explicação só pode ser o fato que nós pretendemos estabelecer.

Por exemplo, um homem foi encontrado assassinado; o único sinal que podia guiar a Justiça era a ponta da lâmina de uma faca que encontraram quebrada no corpo do morto.

A polícia, aproveitando este indício, pôs-se em campo. Foi encontrada uma faca com a lâmina quebrada. Este pedaço de lâmina adaptava-se perfeitamente à ponta que tinha sido encontrada no cadáver.

Além disso, havia sinais de sangue, tanto na ponta como na lâmina, e estes sinais de sangue na ponta condiziam exatamente com os da lâmina. Estava, pois, mais que provado que o assassinato tinha sido cometido com aquela faca.

Há muitas evidências deste caráter quanto à certeza da ressurreição de Cristo. Há certos fatos provados e admitidos que exigem a ressurreição de Cristo para os explicar.

1 – É fora de toda a questão que a verdade fundamental pregada, nos primeiros anos da história da Igreja, foi a ressurreição. Era sobre esta doutrina que os apóstolos insistiam constantemente. Quer Jesus tivesse realmente ressuscitado, quer não, o que é certo é que os apóstolos proclamavam insistentemente que Ele tinha ressuscitado.

Porque se serviram os apóstolos disto, como sendo a própria pedra de esquina do seu credo, se não fosse bem provado e firmemente crido? E, ainda mais, deram as suas vidas por esta doutrina. Ninguém dá a sua vida por uma doutrina em que não creia firmemente. Eles

afirmaram que tinham visto Jesus depois da Sua ressurreição, e preferiram morrer a renegar esta afirmativa.

É claro que os homens podem morrer por um erro, e muitas vezes assim acontece; mas, neste caso, haviam de saber que não tinham visto Jesus, e assim morreriam, não meramente por um erro, mas por causa de uma afirmativa que sabiam ser falsa. Isto não se pode aceitar.

Além disso, se os apóstolos, na verdade, criam firmemente, como se admite, que Jesus ressuscitara, é porque tinham alguns fatos sobre os quais baseavam a sua crença. Eram estes os fatos a que eles se haviam de referir ao contar a história, e não terminantemente uma história com incidentes imaginários. Mas, se os fatos se deram como são contados nos Evangelhos, de modo algum nos podemos afastar da conclusão de que Jesus ressuscitou realmente.

Ainda mais, se Jesus não tivesse ressuscitado, havia de haver alguma evidência disso. Os Seus inimigos teriam encontrado essa evidência. Mas os apóstolos, por toda a parte da cidade onde Ele tinha sido crucificado, proclamaram, mesmo na cara dos assassinos, que Ele tinha ressuscitado, e ninguém podia apresentar qualquer evidência em contrário.

O mais que podiam dizer era que os guardas tinham adormecido e que os Seus discípulos tinham roubado o Seu corpo durante o sono dos guardas. Os homens que testificam daquilo que acontece enquanto dormem são testemunhas a quem não se pode dar muito crédito! Não é? E ainda mais, se os apóstolos tivessem roubado o corpo, evidentemente que o saberiam, e não estariam prontos a morrer por aquilo que sabiam ser falso.

2 – Outro fato conhecido foi a mudança do dia de descanso. A Igreja primitiva teve a sua origem entre os judeus. Desde tempos remotos os judeus tinham celebrado o sétimo dia da semana como o seu dia de descanso e de culto; mas vemos no livro dos Atos dos Apóstolos, e também nos antigos escritos cristãos, que os primitivos cristãos se reuniam no primeiro dia da semana.

Não há nada mais difícil do que mudar um dia santo que tenha sido observado durante séculos, e que é um dos costumes mais queridos do povo.

O ponto mais significativo desta mudança é que não foi feita por nenhum decreto especial, mas por consentimento geral. Deve ter havido qualquer coisa de extraordinário para ocasionar esta mudança. Os apóstolos afirmaram que, o que tinha acontecido nesse dia, fora a ressurreição de Cristo de entre os mortos, e esta é a explicação mais racional; de fato a única explicação razoável da mudança que se operou nos discípulos: a sua transformação moral.

Ao mesmo tempo da crucificação de Cristo vemos toda a companhia apostólica invadida pelo desespero. Vemos Pedro, o chefe da companhia, negando o seu Senhor por três vezes, com pragas e imprecações. Mas, alguns dias depois, vemos este mesmo homem com uma coragem que nada podia abalar.

Vemos Pedro em frente do próprio Concílio que condenou Jesus à morte, a dizer-lhes: *“Seja conhecido a vós todos, e a todo o povo de Israel, que em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, Aquele a Quem vós crucificastes, e a Quem Deus ressuscitou dos mortos, em Nome desse é que este está são diante de vós”* (Atos 4:10).

Um pouco mais tarde, quando lhes foi ordenado, pelo mesmo Concílio, que de modo algum falassem ou ensinassem em nome de Jesus, ouvimos Pedro e João responderem: *“Julgai vós se é justo, diante de Deus, ouvir-vos antes a vós do que a Deus. Porque não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido”* (Atos 4:19, 20).

E mesmo depois de estarem presos e em perigo de morte, quando foram asperamente arguidos pelo Concílio, ouvimos Pedro e os outros apóstolos responderem à sua intimação para que se conservassem calados a respeito de Jesus: *“Mais importa obedecer a Deus do que aos homens. O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus, ao qual vós matastes, suspendendo-O no madeiro. Deus, com a Sua destra, O elevou a Príncipe e Salvador e nós somos testemunhas acerca destas palavras”* (Atos 5:29-32).

Alguma coisa assombrosa teria acontecido, para explicar uma tão radical e admirável transformação moral.

Coisa alguma, a não ser o fato da ressurreição e de eles terem visto o Senhor ressuscitado, pode explicar isto.

Estes fatos incontestáveis são de tal modo impressionantes e concludentes que até os próprios sábios ateus e judeus admitem agora que os apóstolos creram que Jesus ressuscitou.

Até Fernando Baur o admite, e David Strauss diz: *“Somente isto havemos de admitir, que os apóstolos creram firmemente que Jesus ressuscitou”*.

Evidentemente Strauss não quer admitir nada mais do que é preciso, mas vê-se obrigado a chegar até aqui. Schenkel vai ainda mais longe e diz: *“É um fato incontestável que, na madrugada do primeiro dia da semana, que se seguiu à crucificação, foi encontrado vazio o sepulcro de Jesus. É também um fato que os discípulos e outros membros da companhia apostólica estavam convencidos que Jesus tinha sido visto depois da crucificação”*.

Estas admissões são fatais para os racionalistas que as fazem. Levanta-se logo esta pergunta: *“Donde vem esta convicção e esta*

crença?” Renan tenta responder, dizendo que “a paixão duma mulher alucinada [Maria] dá ao mundo um Deus ressuscitado”.

Mas, respondemos nós, a paixão duma mulher alucinada não era competente para semelhante tarefa. Lembremo-nos por quem era composta a companhia apostólica. Havia ali um Mateus e um Tomé a convencer e, além disso, havia, mais tarde, um Saulo a convencer e a converter. A paixão duma mulher alucinada não podia convencer um obstinado descrente como Tomé, nem um cobrador de impostos como Mateus. Quem jamais ouviu dizer que um cobrador de impostos, e por cima um judeu, pudesse ser enganado pela paixão duma mulher alucinada?

Nem tampouco isto podia convencer um inimigo feroz e determinado como Saulo de Tarso. Precisamos encontrar uma explicação mais racional do que esta.

Strauss procura explicar este fato, perguntando se os aparecimentos não poderiam ser visionários. A isto respondemos que não havia ponto de partida para tais visões.

Os apóstolos, longe como estavam de esperar ver o Senhor, mal podiam os seus olhos acreditar quando O viram.

Além disso, como podiam onze homens, ao mesmo tempo ter a mesma visão, para não falar de um fato idêntico ter acontecido a quinhentos homens? (1 Coríntios 15:6).

Strauss quer que eliminemos um milagre, substituindo-o por quinhentos milagres! Nada pode ultrapassar a credulidade da descrença.

A terceira tentativa que fizeram para explicar o fato é dizerem que Jesus não estava realmente morto quando O tiraram da cruz; que os Seus amigos O trataram e O reanimaram, e que o que se supunha ser o aparecimento do Senhor ressuscitado não era mais do que o aparecimento de um que nunca tinha estado realmente morto, e tinha simplesmente recuperado os sentidos.

Para sustentar esta opinião apelava para o curto espaço de tempo que Jesus tinha estado pendurado sobre a cruz e para o fato de que a história nos conta de alguém que, no tempo de Josefo, tinha sido tirado de uma cruz e a quem, com muitos cuidados, fizeram voltar a si.

Mas, em resposta a isto, diremos, em primeiro lugar, que devemos lembrar-nos dos acontecimentos que precederam à crucificação, a angústia do Jardim do Getsêmani, as medonhas provas porque Jesus passou, os açoites e a condição física em que tudo isto O deixou.

Lembremo-nos também da água e do sangue que saíram do lado ferido. Em segundo lugar, diremos que os Seus inimigos haviam de tomar, e tomaram, todas as necessárias precauções para que não acontecesse uma tal coisa (João 19:34).

Também diremos, em terceiro lugar, que, se Jesus tivesse apenas recuperado os sentidos, havia de estar tão fraco e de tal maneira abatido fisicamente que o Seu aparecimento teria sido avaliado no seu verdadeiro valor e a transformação moral dos Seus discípulos, que queremos explicar, seria ainda inexplicável.

O oficial do tempo de Josefo, que se cita para prova, apesar de recuperar os sentidos, ficou fisicamente perdido. Em quarto lugar, diremos que, se foram os Seus apóstolos e amigos que O fizeram recuperar os sentidos, nesse caso deviam saber o que tinham feito, e o fato principal a explicar, isto é, a mudança que neles se operou, ficaria sem explicação. A explicação que se tenta dar é uma explicação que nada explica.

Em quinto lugar, diremos que a dificuldade moral é a maior de todas. Se fosse simplesmente um caso de recuperação de sentidos, Jesus teria tentado fazer-Se passar por ressuscitado, quando assim não acontecera. Ele seria o maior dos impostores e o sistema basear-se-ia numa fraude como seu principal fundamento.

Será possível acreditar-se que um tal sistema de religião como a de Jesus Cristo, que compreende tão sublimes princípios de verdade, pureza e amor, se originasse numa fraude deliberadamente planejada?

Ninguém, cujo coração não esteja minado pela fraude e pelo engano, pode acreditar que Jesus fosse um impostor e a Sua religião fosse fundada sobre a mentira.

Eliminamos todas as outras suposições possíveis. Não nos resta senão uma, a saber, que Jesus ressuscitou, realmente, de entre os mortos, ao terceiro dia, como se conta nos Evangelhos. Os apertos desesperados em que se veem aqueles que tentam negar este fato são, por si mesmos, uma prova de que ele é verdadeiro.

Temos, pois, várias linhas de argumento independentes, que apontam, decisivamente, para a ressurreição de Cristo. Algumas delas, consideradas separadamente, provam o fato, e consideradas juntamente constituem um argumento que torna impossível, para o homem sincero, toda a dúvida da ressurreição de Cristo.

É claro que, para aqueles que estão resolvidos a não acreditar, não há provas, por mais claras que sejam, que os possam convencer.

Estes só podemos deixar entregues ao erro e à falsidade que deliberadamente escolheram, mas todo aquele que realmente deseja conhecer a verdade, e obedecê-la a todo o custo, deve aceitar a ressurreição de Cristo como um fato historicamente provado.

Não há, realmente, senão uma objeção de peso à doutrina de que Cristo ressuscitou, e é que não há nenhuma evidência concludente de que qualquer outro jamais tenha ressuscitado. Para isto, seria suficiente a resposta de que, se é certo que ninguém jamais

ressuscitara, isto não prova, de modo algum, que Jesus não tivesse ressuscitado, porque a vida de Jesus foi única, a Sua natureza foi única, o Seu caráter foi único, a Sua missão foi única, a Sua história foi única, e não é para admirar, pelo contrário, é de esperar, que a consumação de uma tal vida fosse também única.

No fim de tudo, esta objeção é simplesmente o argumento apresentado por David Hume contra a possibilidade de qualquer milagre.

Segundo o seu argumento, nenhuma evidência, por maior que seja, pode provar um milagre, porque os milagres são contrários a toda a experiência. Mas será realmente assim? Dizer isto é afirmar o que se precisa provar.

Podem estar fora do alcance da experiência do leitor e da minha, e mesmo da experiência de toda esta geração; mas a experiência do leitor e a minha, e a experiência de toda esta geração, não contém toda a experiência.

Todo o estudante de geologia e astronomia tem conhecimento de coisas que ocorreram em tempos passados e que estão inteiramente fora da experiência da presente geração.

Têm acontecido coisas, nos últimos quatro anos, que estavam inteiramente fora da experiência dos cinquenta anos precedentes. A verdadeira ciência não principia com a hipótese de que certas coisas são impossíveis. Estuda simplesmente a evidência para saber o que de fato aconteceu.

Não torce os fatos observados para os fazer concordar com teorias já determinadas, mas procura fazer concordar as teorias com os fatos como foram observados. Dizer que os milagres são impossíveis e que nenhuma evidência pode, portanto, prová-los, é não ter critério científico.

Nos últimos anos, na Química, por exemplo, têm-se feito descobertas sobre o rádio que pareciam estar em oposição a todas as observações anteriores sobre os elementos químicos e às bem estabelecidas teorias químicas e, contudo, os homens de ciência não dizem que estas descobertas sobre o rádio não sejam verdadeiras.

Pelo contrário, tratam de averiguar onde estava o erro nas suas teorias anteriores.

Os fatos observados e contados, no caso que temos presente, provam que Jesus ressuscitou de entre os mortos, e a verdadeira ciência deve aceitar essa conclusão e conformar as suas teorias com o fato observado.

No dia do aparente triunfo do deísmo na Inglaterra, os dois homens que mais se salientaram na negação do sobrenatural foram Gilberto West e Lord Lyttelton, duas autoridades jurídicas muito eminentes.

Estes dois homens, que foram indicados para esmagar os defensores do que era sobrenatural na Bíblia, conferenciaram um com o outro. Um deles disse que lhes seria muito difícil manter a sua posição, a não ser que desfizessem dois dos pretendidos baluartes do Cristianismo, isto é, a afirmada ressurreição de Cristo e a afirmada conversão de Saulo de Tarso.

Lyttelton prontificou-se a escrever um livro para mostrar que Saulo de Tarso nunca se convertera, e que a sua pretendida conversão não passava de um mito, se Gilberto West escrevesse outro livro em que mostrasse que a pretendida ressurreição de Cristo era também um mito.

West disse a Lyttelton: “Tenho que depender de si para apresentar os meus fatos, porque estou um tanto esquecido da Bíblia”, ao que Lyttelton respondeu que também estava dependente de West pelo mesmo motivo.

Assim disseram um ao outro: “Se quisermos ser sinceros temos pelo menos que estudar a evidência”. E assim fizeram.

Conferenciaram amiudadamente enquanto preparavam os seus trabalhos.

Numa destas reuniões entre eles, West disse a Lyttelton que já fazia bastante tempo que tinha alguma coisa no pensamento que julgava seu dever lhe comunicar, e era que, à proporção que ia estudando a evidência, ia sentindo que ela tinha algum valor.

Lyttelton replicou que se regozijava de que lhe tivesse assim falado, porque ele mesmo se sentia um tanto abalado à proporção que ia estudando a evidência da conversão de Saulo de Tarso.

Finalmente, depois de concluídos os livros, os dois homens encontraram-se. West disse a Lyttelton: “Escreveu o seu livro?” “Sim”, respondeu ele, mas acrescentou: “Ao estudar a evidência legal, fiquei convencido que Saulo de Tarso se convertera, como é narrado nos Atos dos Apóstolos, e que o Cristianismo é verdadeiro, e é nesse sentido que tenho escrito o meu livro”. Ainda hoje se pode encontrar esse livro nas principais livrarias.

“Pois bem”, disse West, “estudando a coincidência da ressurreição de Jesus Cristo, e tendo-a pesado segundo as reconhecidas leis da evidência, também eu me convenci de que Jesus realmente ressuscitou dos mortos como se conta nos Evangelhos e nesse sentido tenho escrito o meu livro”. E esse livro igualmente se pode encontrar hoje nas livrarias.

Que qualquer homem competente que esteja acostumado a pesar a evidência, sim, qualquer homem que tenha bom raciocínio e, sobretudo, uma perfeita sinceridade estude os fatos com respeito à ressurreição de

Jesus Cristo e ficará convencido de que, fora de toda a dúvida, Jesus ressuscitou de entre os mortos como se relata nos Evangelhos.

.oOo.

4

O QUE A RESSURREIÇÃO DE JESUS PROVA

Ora, se Ele ressuscitou, que prova a Sua ressurreição? Prova tudo quanto é mais necessário provar, tudo que é essencial ao Cristianismo.

Em primeiro lugar, a ressurreição de Cristo prova que há um Deus e que o Deus da Bíblia é o verdadeiro Deus.

Todo efeito precisa ter uma causa adequada e a única que pode explicar a ressurreição de Jesus Cristo é Deus, o Deus da Bíblia.

Quando Jesus esteve aqui na terra, proclamou o Deus da Bíblia, “*o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó*”, o Deus do Velho Testamento assim como do Novo.

Afirmou que, depois dos homens O matarem, o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó O havia de ressuscitar ao terceiro dia.

Era esta uma afirmação estupenda e aparentemente absurda, pois que durante séculos tinham os homens vivido e morrido e, até onde pôde chegar a observação humana, era esse o fim deles.

No entanto, Jesus afirmou que Deus, o Deus da Bíblia, havia de ressuscitá-LO de entre os mortos. Pois bem, Jesus morreu; foi crucificado, morto e sepultado e, ao tempo indicado, Deus ressuscitou-O, como já temos verificado em capítulos anteriores e, portanto, a assombrosa afirmação de Jesus ficou de pé, e ficou decididamente evidenciado que havia um Deus, e que o Deus da Bíblia é o verdadeiro Deus.

Durante séculos os homens andam à procura de provas da existência e do caráter de Deus. Há o argumento teológico, ou seja o argumento baseado nas indicações da inteligência e do plano observado no universo material, e este argumento é bom, no seu lugar.

Há, também, o argumento da sábia mão guiadora de Deus na história humana; o argumento ontológico, e outros argumentos mais ou

menos convincentes; mas a ressurreição de Jesus Cristo dá-nos uma base sólida e científica para a nossa fé em Deus.

À luz da ressurreição, a nossa fé em Deus está fundada em fatos observados. À luz da ressurreição de Jesus nem o ateísmo nem o agnosticismo se podem mais firmar em terreno seguro.

Bem podia Pedro dizer: *“Que por Ele credes em Deus, o qual O ressuscitou dos mortos, e Lhe deu glória”* (1 Pedro 1:21). A minha fé no Deus da Bíblia não é apenas um sonho agradável. É uma fé firme, apoiada num fato incontestavelmente provado.

Em segundo lugar, a ressurreição de Jesus Cristo de entre os mortos prova que Jesus é um Ensinador mandado por Deus.

Sim, um Ensinador que recebeu a Sua mensagem de Deus, que absolutamente não podia errar e que falou as próprias palavras de Deus. Isto é o que Jesus afirmou de Si mesmo.

Em João 7:16, Ele diz: *“A Minha doutrina não é Minha, mas dAquele que Me enviou”*. Em João 12:49, diz: *“Eu não tenho falado de Mim mesmo; porém o Pai que Me enviou, Ele Me deu mandamento sobre o que hei de dizer e sobre o que hei de falar”*.

Em João 14:10, 11, diz: *“Não crês tu que Eu estou no Pai e que o Pai está em Mim? As palavras que Eu vos digo não as digo de Mim mesmo, mas o Pai, que está em Mim, é Quem faz as obras. Crede-Me que estou no Pai, e que o Pai está em Mim; crede-Me, ao menos, por causa das mesmas obras”*.

Em João 14:24, diz: *“A palavra que ouvistes não é Minha, mas do Pai que Me enviou”*. O que Ele afirmava era que as Suas palavras eram as próprias palavras de Deus. Com isto Ele fazia uma afirmação assombrosa. Outros têm feito iguais afirmações, mas a diferença entre as destes e as de Jesus é que Jesus provava a Sua afirmação, e os outros não podiam fazer o mesmo.

O próprio Deus pôs, sem dúvida, o Seu selo sobre esta espantosa afirmação de Jesus Cristo, ressuscitando-O de entre os mortos. Perante a ressurreição de Jesus Cristo, o ensino que pretende pôr em dúvida o ensino de Jesus Cristo como ensinador, pondo a sua autoridade acima da de Cristo, não tem fundamento algum.

Ainda mais, esse ensino, apresentando as suas afirmações, sem base, em oposição às afirmações demonstradas de Jesus Cristo, torna-se uma zombaria aos olhos dos homens inteligentes.

Em terceiro lugar, a ressurreição de Jesus Cristo de entre os mortos prova que Ele é o Filho de Deus.

O apóstolo Paulo diz, em Romanos 1:4, que Ele é *“declarado Filho de Deus em poder, segundo o Espírito de santificação pela ressurreição dos mortos”*, e qualquer pessoa que queira pensar um pouco há de ver que isso é uma verdade incontestável.

Quando Jesus Cristo esteve no mundo, afirmou ser Ele divino, num sentido em que nenhum outro o era. Ensinou que, enquanto até mesmo os maiores profetas de Deus eram apenas servos, Ele, Jesus, era Filho, o Filho único (Marcos 12:6; veja-se o contexto); que Ele e o Pai eram um só (João 10:30) e que todos os homens deviam honrá-LO do mesmo modo que honravam o Pai (João 5:23); que Ele estava tão completa e inteiramente possuído de Deus, e era uma encarnação de Deus tão perfeita e absoluta que quem o tivesse visto a Ele tinha visto o Pai (João 14:9).

Esta afirmação era espantosa, era uma afirmação que, a não ser verdadeira, seria uma tremenda blasfêmia.

Ele disse aos homens que eles O haviam de matar por fazer esta afirmação, mas que, depois de O terem morto, o próprio Deus havia de justificá-la, ressuscitando-O de entre os mortos.

Eles efetivamente O mataram por ter feito esta afirmação. Os que nesse tempo descreiam da Divindade de Jesus Cristo fizeram com que Ele fosse pregado na cruz do Calvário por afirmar que era divino (Mateus 26:63-66).

Mas, quando chegou a hora própria, o sopro de Deus animou o barro adormecido e o próprio Deus justificou a afirmação que fizera da Sua Divindade e ressuscitou-O de entre os mortos.

Assim Deus proclamou a todos os séculos, com voz mais clara do que se dissesse dos céus abertos: “Este é o Meu Filho único, Aquele em Quem habito em toda a Minha plenitude, de maneira que quem O viu a Ele viu o Pai”.

Perante a ressurreição de Jesus Cristo, o ensino que Jesus era um simples homem não tem absolutamente nenhuma base lógica.

Em quarto lugar, a ressurreição de Jesus Cristo prova que há um dia de julgamento futuro.

Em Atenas, Paulo declarou: *“Deus tem determinado um dia em que, com justiça, há de julgar o mundo por aquele Varão que destinou, dando certeza a todos, ressuscitando-O dos mortos”* (Atos 17:31), mostrando assim pela ressurreição de Cristo a certeza, dada por Deus, do julgamento futuro.

Mas como é que a ressurreição de Cristo dá a certeza do julgamento futuro? Jesus, quando andava pela terra, declarou que o Pai Lhe tinha confiado todo o julgamento; que havia de vir a hora em que todos os que estivessem nas suas sepulturas haviam de ouvir a Sua voz e sair delas, os que tinham praticado o bem para a ressurreição da vida e os que tinham feito mal para a ressurreição do julgamento (João 5:22, 28, 29).

Mas os homens ridicularizaram esta afirmação, como também a outra que ia envolvida nela, a da Sua Divindade, odiaram-nO por tê-la

feito e, por isso, deram-Lhe a morte, mas Deus justificou o que Ele tinha dito, ressuscitando-O dos mortos.

A ressurreição de Jesus Cristo, fato de história do passado inteiramente verificado, indica, com uma certeza indubitável, que há de, necessariamente, haver um julgamento no futuro.

Para se crer num dia de julgamento futuro não é preciso os teólogos adivinharem. É uma fé positiva baseada num fato certo.

O homem que continua em pecado, na esperança de que não haja um dia de julgamento, não obstante a ressurreição de Cristo, é certamente louco. Jesus sentar-se-á no julgamento e cada um terá que Lhe dar contas dos atos praticados aqui em vida.

Em quinto lugar, a ressurreição de Jesus Cristo prova que todo o crente em Cristo é justificado de todas as coisas.

Lemos, em Romanos 4:25, que Jesus *“por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para nossa justificação”*, ou, mais literalmente: *“Ele foi entregue por nossos pecados [isto é, porque nós tínhamos pecado], e foi ressuscitado por causa da nossa justificação [isto é, porque nós fomos justificados]”*.

A ressurreição de Jesus Cristo prova, decididamente, que quem crê nEle é justificado. Mas como? Quando Jesus esteve na terra, disse que daria a Sua vida em resgate por muitos (Mateus 20:28). Chegou a hora e Ele ofereceu a Sua vida na cruz do Calvário em resgate por nós.

Agora a expiação está feita, mas ainda resta perguntar: “Aceitará Deus a expiação assim oferecida?” Durante três noites e três dias ficou esta pergunta sem resposta. Jesus jazia morto no sepulcro. A hora há muito predita, chegou por fim e o sopro de Deus animou o barro adormecido e Cristo ressuscitou, triunfante, de entre os mortos e foi exaltado à destra do Pai.

É como se Deus proclamasse ao universo inteiro: “Aceito a expiação que Meu Filho amado acaba de fazer”. Quando Jesus morreu, morreu como nosso representante e nós, os que cremos, morremos nEle; quando ressuscitou, ressuscitou como nosso representante e nós ressuscitamos com Ele; quando subiu aos céus e tomou o Seu lugar à destra do Pai, na glória, subiu como nosso representante e nós subimos nEle.

Olhamos para a cruz de Cristo e sabemos que a expiação foi feita pelos nossos pecados; olhamos para o sepulcro aberto e para o Senhor ressuscitado e assunto aos céus e sabemos que a expiação foi aceita.

Já não fica nem um pecado sobre o crente, por muitos e enormes que esses pecados tenham sido. Podem ter sido altos como montanhas, mas, perante a ressurreição, a expiação que os cobre é tão alta como o céu; podem ter sido tão profundos como o oceano, mas, perante a ressurreição, a expiação que os cobre é tão profunda como a eternidade.

“Seja-vos, pois, notório, varões irmãos, que por Este se vos anuncia a remissão dos pecados. E de tudo o que, pela lei de Moisés não pudestes ser justificados nEste é justificado todo aquele que crê” (Atos 13:38, 39).

Em sexto lugar, a ressurreição de Jesus Cristo prova que todos os que estão unidos a Cristo, por uma fé viva, hão de ressuscitar.

Paulo diz: *“Se cremos que Jesus morreu e ressuscitou assim também aos que em Jesus dormem Deus os tornará a trazer com Ele” (1 Tessalonicenses 4:14).*

O crente está, por uma fé viva, tão unido a Cristo que, se Cristo ressuscitou, também nós havemos de ressuscitar. Se a sepultura não O pôde reter, também não poderá reter-nos a nós.

Durante séculos os homens andam procurando provas de imortalidade; os poetas sonharam e os filósofos especularam para nos alegrar com a vaga esperança de uma vida além túmulo, mas os melhores dos argumentos filosóficos apenas podem apontar para a probabilidade de uma vida futura.

Num assunto de tal importância o coração humano anseia e pede mais alguma coisa de que uma probabilidade.

Na ressurreição de Jesus Cristo de entre os mortos, alcançamos alguma coisa mais do que uma probabilidade, alcançamos certeza absoluta; alcançamos a demonstração científica de uma vida além do túmulo.

A ressurreição de Jesus Cristo remove a esperança da imortalidade do terreno da suposição e do provável, para o terreno do fato científico, demonstrado e certo. Sabemos que há uma vida além túmulo.

Um pregador muito popular disse uma vez: *“Há muita gente que não está completamente certa de que haja vida além do túmulo. Esses desejavam que se provasse ela existir. Também eu. Mas nada mais podemos fazer do que inferi-la da constituição moral do universo.”*

Graças a Deus este pregador não tinha razão. Antes da ressurreição de Jesus Cristo, talvez não pudéssemos fazer mais do que inferi-la da constituição moral do universo, mas, perante a Sua ressurreição, não existem mais dúvidas. Está provado! Nem outras provas são precisas.

Está cientificamente demonstrado e para qualquer pessoa que, sinceramente, queira ponderar os fatos referentes à ressurreição de Cristo, a descrença ou o agnosticismo, com respeito à vida futura, torna-se uma impossibilidade.

À luz daquela ressurreição, vou aos cemitérios onde jaz o pó adormecido de pai, mãe, irmão ou filho, e secam-se-me as lágrimas, porque ouço Deus dizer: *“O teu pai há de ressuscitar; a tua mãe há de*

ressuscitar; o teu irmão há de ressuscitar; o teu filho há de ressuscitar”.

Em sétimo lugar, a ressurreição de Jesus Cristo de entre os mortos prova que há uma vitória sobre o pecado, diariamente.

Hora após hora, enfim, a vitória constante é o privilégio de todo o crente. Estamos unidos, não só ao Senhor que morreu e assim expiou o nosso pecado e nos livrou da culpa do pecado, mas também ao Senhor que ressuscitou e vive “*sempre para interceder por nós*”; que tem poder para salvar perfeitamente; que é poderoso para nos guardar de tropeçar e apresentar-nos irrepreensíveis, com alegria, perante a Sua glória (Hebreus 7:25; Judas 24).

Podemos ser fracos, muito fracos, incapazes de resistir à tentação, mas Ele é forte, infinitamente forte, e vive para nos ajudar e para nos livrar, todos os dias e todas as horas.

A questão da vitória sobre o pecado não é uma questão da nossa fraqueza, mas da força dEle, do poder da Sua ressurreição, sempre ao nosso dispor.

Ele tem todo o poder no Céu e na Terra e o que pertence ao nosso Senhor ressuscitado pertence-nos a nós também. Perante a ressurreição de Jesus Cristo de entre os mortos, não há necessidade de falharmos na nossa vida quotidiana, nem temos desculpa por nossas falhas. Na vida e no poder da Sua ressurreição, o nosso privilégio é levar uma vida vitoriosa.

Quatro homens subiam um dia a íngreme ladeira do Mattherhorn, um guia e um turista, um segundo guia e outro turista, todos amarrados uns aos outros.

O turista que vinha atrás escorregou e ficou suspenso sobre o abismo. Este puxão repentino da corda levou o guia de baixo com ele, e igualmente o outro turista. Três homens estavam agora suspensos sobre o abismo.

Mas o guia que ia à frente, tendo percebido a primeira sacudida da corda, enterrou a sua bengala no gelo, fincou os seus pés e segurou-se bem.

Três homens estavam suspensos sobre o medonho abismo, mas estavam todos os três salvos, porque estavam amarrados ao homem que estava bem seguro.

O primeiro turista retomou o seu lugar no caminho, o segundo guia retomou o seu e o último turista retomou o seu, e ei-los de novo a caminho em segurança.

Assim, quando a raça humana subiu as geladas montanhas da vida, o primeiro Adão escorregou e ficou suspenso sobre o abismo, levando consigo outro homem, e outro, e outro, até que toda a raça ficou suspensa sobre o abismo; mas o segundo Adão, Jesus Cristo,

firmou-se bem, e todos os que estão unidos a Ele por uma fé viva, embora estejam suspensos sobre o medonho abismo, estão salvos, porque estão ligados ao Salvador.

.oOo.

ILUSTRAÇÕES

Estava eu admirando uma figura de Cristo crucificado, exposta na vitrina de uma loja de arte, quando percebi que alguém se aproximara. Olhei para o lado e vi um rapazinho, contemplando atentamente a gravura.

Senti compaixão por este pequeno arauto da rua e, apontando para a figura, perguntei-lhe: “Sabe quem é Aquele?” “Sim, sei”, respondeu ele depressa, “é o nosso Salvador”.

No olhar do rapaz havia um misto de tristeza e de admiração, supondo que eu não sabia o que a gravura representava.

Depois, com o desejo notório de me explicar, prosseguiu: “Aqueles são os soldados, os soldados romanos, e aquela mulher a chorar é a mãe de Jesus”.

Depois, pondo suas mãos nos bolsos, e com uma voz reverente e dócil, acrescentou: “Eles O mataram, meu senhor. Sim, meu senhor, eles O mataram”.

Olhei para o rapazinho, sujo e roto e perguntei-lhe: “Onde é que você aprendeu estas coisas?” “Na Escola Dominical da Missão Evangélica”, respondeu ele.

Com a minha mente cheia de belas recordações sobre o valor da Escola Dominical fui embora enquanto o rapaz lá ficou a olhar para a gravura.

Não tinha andado ainda uma centena de metros quando ouvi uma voz infantil gritar: “Meu senhor! Meu senhor!” Parei. O pequeno então apontou para os céus e com voz triunfante disse: “Esqueci-me de lhe dizer: Ele ressuscitou!”

Entregou a sua mensagem, sorriu, acenou com a mão e seguiu o seu caminho, sentindo que, se ele fora iluminado, era agora seu dever iluminar os outros.

.oOo.

Um jovem pastor, que depois veio a ser um notável professor da Bíblia, ao principiar o seu ministério, anunciou seis sermões sobre a ressurreição. Declarou que estudara os diversos aspectos da ressurreição, examinando, de um modo particular, as testemunhas.

Havia naquela cidade um advogado que se interessou por estas conferências, assistindo a todas elas. Assim, noite após noite, escutou as evidências apresentadas pelo pastor, tal como ele faria, no tribunal, ao defender qualquer causa.

Ao terminar o último sermão, dirigiu-se ao pastor e disse-lhe: “Exerço a profissão de advogado. O caso apresentado pelo senhor é incontrovertível e reclama um veredicto. Não é um mero conflito intelectual. Há vida nele. Se Cristo ressuscitou dos mortos, então o Cristianismo é verdadeiro, e nós devemos aceitá-lo”.

Sim, aceite-se o Cristo Vivo do Cristianismo!

.oOo.

“Existiu, por este tempo, Jesus, homem sábio, se é lícito chamá-lo homem, porque Ele fazia obras maravilhosas e foi Mestre de homens tais que receberam com prazer a Verdade.

“Atraiu a Si não só muitos judeus como também inúmeros gentios. Ele era [o] Cristo. E quando Pilatos por sugestão dos principais homens dentre nós O condenou à Cruz, aqueles que primeiro O haviam amado não O abandonaram porque voltou a aparecer-lhes vivo ao terceiro dia, como os profetas divinos haviam predito. E a tribo dos cristãos, assim chamados por Ele, não está extinta até ao dia de hoje”.

Flavio Josefo
Historiador judeu (37 a 100 A. D.)

**.oOo. .oOo.
.oOo.**